

ANAIS DO SETA, Volume 2, 2008

EXPLORANDO CONVERGÊNCIAS ENTRE A PERSPECTIVA WITTGENSTEINIANA DE LINGUAGEM E A PRÁTICA EXPLORATÓRIA

Cristiane CERDERA¹

RESUMO: Este trabalho explora convergências entre os discursos da filosofia do segundo Wittgenstein e da Prática Exploratória (Allwright, 1999, 2006), buscando evidenciar a relevância dessas relações para a prática pedagógica a partir de uma perspectiva de linguagem não-representacionista, dando especial destaque ao conceito de *entendimento*. Segundo os princípios gerais da Prática Exploratória, o pesquisador-participante defronta-se com o desafio de (re)construir o *entendimento* de uma dada situação em sala de aula. Assim, apostamos na convergência entre essa premissa fundamental da Prática Exploratória e a noção wittgensteiniana de *entendimento*, concebido como *capacidade*: mostrar que se compreendeu algo na esfera de um determinado *jogo de linguagem* implica em saber dar o lance seguinte nesse jogo. A abordagem de um fenômeno tão complexo e multifacetado como a aprendizagem requer uma multiplicidade de enfoques, o que torna o diálogo entre a PE e a visada wittgensteiniana um caminho promissor nesse sentido.

ABSTRACT: This research draws a parallel between the later philosophy of Ludwig Wittgenstein and the discourse of Exploratory Practice, focusing primarily on the concept of *understanding* on both perspectives. The radical anti-essentialist view of language expressed by Wittgenstein underlies contemporary linguistic theories and contrasts markedly with a long-established philosophical tradition, which assumes that the meaning of a word is its referent in the world. Exploratory practice also challenges pedagogical tradition by stating as its major goal *understanding* life in the language classroom. The dialogue between these two perspectives seems to be a fruitful one, and might shed light on research on language learning.

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO EM CURSO

Este trabalho explora convergências entre os discursos da Prática Exploratória e da filosofia do segundo Wittgenstein, com foco na noção de *entendimento* e seus desdobramentos. Pretendo investigar o modo como a Prática Exploratória² se apropria desse conceito, que é igualmente tão relevante na filosofia de Wittgenstein. Ao partir de um ponto de vista wittgensteiniano, a investigação aqui proposta se inclui no quadro das reflexões contemporâneas sobre o significado no âmbito de teorias que negam a possibilidade de a linguagem ser compreendida como um *sistema de representação* de essências extralingüísticas (Oliveira, 1996). De igual modo, este trabalho, ao alinhar-se às reflexões da Prática Exploratória, recusa qualquer apreensão essencialista do que seja ou deva ser o ensino, a identidade da cena pedagógica de um modo geral.

2. ENTENDIMENTO NA PRÁTICA EXPLORATÓRIA

¹ Doutoranda em Estudos de Linguagem na PUC-RJ. Email: cristianecerdera@yahoo.com.br

² A Prática Exploratória é uma vertente relativamente nova no campo dos estudos sobre ensino de línguas, associada aos trabalhos seminais de Allright (1999, 2001a, 2001b, 2002, 2003b, 2003c, 2003d); Miller (2001); Gieve e Miller (2006)..

A Prática Exploratória é mais do que uma metodologia, ou uma ferramenta de pesquisa para geração de dados. Ela apresenta-se como uma perspectiva alternativa de pesquisa em sala de aula – e mesmo de pesquisa acadêmica – muito mais viável, o qual nos leva a pensar nos professores como os verdadeiros produtores de conhecimento, tendo os alunos como co-participantes e buscadores de entendimentos locais e não de um conhecimento necessariamente novo. Desse modo, pode-se afirmar que a Prática Exploratória coloca professores e alunos desenvolvendo seus entendimentos sobre aquilo que estão fazendo como alunos e professores. A Prática Exploratória, portanto, está voltada para o trabalho de *entender* a vida dentro e fora de sala de aula o que nos leva a contrastá-la com abordagens que se orientam pelo discurso da eficiência, com foco na identificação e resolução de problemas – tal como a Pesquisa Ação. No trabalho voltado para o entendimento, a Prática Exploratória faz uso não de instrumentos tradicionais para geração de dados, mas de atividades pedagógicas – chamadas de PEPAS (Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório) – para esse fim. Além disso, a Prática Exploratória orienta-se por princípios, os quais devem ser entendidos, na verdade, como um conjunto de processos – e não em uma lista de práticas previamente estabelecidas:

Colocar “qualidade de vida” em primeiro lugar
Trabalhar, antes de mais nada, para o entendimento da vida na sala de aula
Envolver todos neste trabalho
Trabalhar para a união de todos
Trabalhar também para o desenvolvimento mútuo
Não permitir que o trabalho esgote os participantes. Em vez disso: integrar o trabalho para o entendimento na prática da sala de aula
Fazer com que este trabalho seja contínuo. Corolário prático: evitar projetização

Voltando ao tema deste estudo, durante meu trabalho como membro do grupo de Prática Exploratória da PUC/RJ, percebi que o discurso acadêmico sobre a mesma parece aposentar um conceito tradicional de *entendimento*, presente no senso comum, sem que com isso haja trabalho explícito de conceituação alternativa, o que convida a uma reflexão sobre o tema. Na literatura sobre a Prática Exploratória, não encontramos, a rigor, muitas tematizações explícitas³ a respeito da perspectiva geral de significado que a informa; não se encontra, nesses textos, uma posição clara no que concerne ao seu alinhamento no debate contemporâneo entre *representacionismo* e *não-representacionismo*. Qualquer que seja o grau de explicitação teórica nos textos sobre a Prática Exploratória, o fato é que investimentos centrais dessa perspectiva pedagógica envolvem justamente a desestabilização de noções essencialistas de *linguagem*, *significado* e *entendimento* cristalizadas no discurso de professores e em nosso senso comum em geral.

O conceito de entendimento na PE mostra-se, dessa maneira, um terreno ainda a ser explorado no âmbito dos estudos lingüísticos e pedagógicos. A perspectiva wittgensteiniana de linguagem pode iluminar o caminho nesse sentido. A contribuição que esse trabalho pretende dar, portanto, diz respeito à pergunta que aflora quando se

³ Vem sendo construído, na última década, um discurso teórico sobre a Prática Exploratória no âmbito acadêmico. Ver a esse respeito: Moraes Bezerra (2007) e Sette (2006).

toma contato com a Prática Exploratória e que pode ser assim formulada: “O que é o entendimento na Prática Exploratória? De que maneira ele acontece?”. Acredito que a resposta para essa pergunta poderia tomar forma a partir de duas visões antagônicas, já anteriormente mencionadas. Por um lado, pode-se buscar o sentido de *entendimento* no campo das essências e dos universais lingüísticos, acreditando que essa seja uma noção unívoca, para a qual se pode ter uma resposta cabal e definitiva. Por outro lado, rejeitando toda uma herança cultural de cunho hegemônico, pode-se tratar desse conceito adotando-se a visada pragmática, não-essencialista no trato da linguagem, o que constitui minha presente opção.

3. O APORTE DA FILOSOFIA DO SEGUNDO WITTGENSTEIN

O conceito mais relevante para o desenvolvimento desta pesquisa é, com certeza, a questão do *entendimento*⁴. Pode-se falar dessa questão a partir de duas perspectivas, as quais, por vezes, se confundem e se interpolam: como *entendimento* em geral ou como *entendimento da linguagem*, especificamente. Tentarei, a princípio, abordar a questão do entendimento a partir do ponto de vista da linguagem, muito embora, aqui e ali, observações acerca do entendimento em geral possam surgir.

Tradicionalmente, os estudos filosóficos referem-se ao *entendimento* como um fenômeno mental, lançando mão de argumentos que, na maioria das vezes, nos parecem lógicos e plausíveis. Isto acontece por conta de uma concepção de linguagem que pressupõe a existência de conceitos que podem ser transmitidos de uma mente para a outra. Dessa forma, a linguagem seria o grande *condúite* que nos permitiria transmitir idéias, descobertas e sentimentos (Cf. Reddy, 1993).

De acordo com Wittgenstein, porém, o entendimento nada tem de solitário ou oculto, devendo ser compreendido como uma capacidade⁵. Também não se pode tomá-lo em termos superlativos ou absolutos, ou seja, não existe uma única e definitiva maneira de mostrar entendimento: entender um cálculo matemático é, por exemplo, muito diferente de se entender as mulheres, ou entender a motivação (ou a falta dela) de nossos alunos. Isso acontece porque dentro da perspectiva wittgensteiniana, não podemos dizer que o significado das palavras é algo transcendente ou metafísico – e a palavra *entender* não escaparia a essa regra.

O exame dessas duas perspectivas – a filosófica e a pedagógica – demonstra a pertinência da análise proposta nesse trabalho, revelando, ente outros aspectos, o lugar que o conceito de *entendimento* ocupa nos dois discursos. Tomemos, em primeiro lugar, a dimensão da continuidade. Assim como na concepção de Wittgenstein, na qual o *entendimento* configura uma *condição permanente* (Baker e Hacker, 1980, p. 281;

⁴ O importante tema wittgensteiniano que aqui caracterizamos com a palavra *entendimento* figura no *Dicionário Wittgenstein* em um verbete intitulado *compreensão*. Em inglês a palavra *understanding* é neutra com respeito às nuances de suas duas possíveis correspondentes em português. Os responsáveis pela tradução do *Dicionário* explicaram (em conversação pessoal) que optaram por *compreensão* para afastar o sentido de faculdade da razão, frequentemente associado a entendimento no vocabulário filosófico em português (por exemplo, Locke, em seu *Ensaio sobre o entendimento humano*). Concordando que esta associação deve ser evitada, optamos aqui por *entendimento* para sublinhar a convergência temática com a prática exploratória, onde o uso de *entendimento* é a regra em português.

⁵ Do original em inglês “ability”. Ver também em alemão: “Fähigkeit”

Glock, 1998, p. 94; McGinn, 1997, p. 92), o entendimento na Prática Exploratória também é contínuo: ele não finda nunca⁶, não pode ser interrompido (Ver Allwright 2003b).

É preciso não esquecer que a proposta da Prática Exploratória transforma a prática pedagógica, pois a mesma trabalha “(...) para entender a vida na sala de aula ou em outros contextos profissionais” (Allwright e Miller, 2006). Um outro aspecto igualmente relevante é que o entendimento de uma dada situação pedagógica não é solitário: ele é construído no grupo, sendo, portanto, de caráter público; ele só tem sentido na esfera do coletivo (“Envolver todos nesse trabalho. Trabalhar para a união de todos. Trabalhar para o desenvolvimento mútuo” Allwright e Miller, 2006).

Por fim, buscando estabelecer conexões com o pensamento de Wittgenstein, percebo que o entendimento na Prática Exploratória não tem um caráter superlativo ou hiperbólico: é preciso reconstruí-lo a cada nova situação/jogo de linguagem apresentado (McGinn, 1997, p. 95), pois o mais importante em cada nova situação é “a continuidade da postura reflexiva que se sustenta em virtude da integração com as práticas pedagógicas/profissionais e entre as pessoas”. (Allwright e Miller, 2006)

O diálogo aqui estabelecido entre a filosofia de Wittgenstein e a PE demonstra a relação entre esses domínios não se restringe à mera comparação entre conceitos. Por isso mesmo, acredito que as bases do pensamento wittgensteiniano possam lançar luz sobre o discurso teórico acerca da Prática Exploratória. Se podemos realmente tomar como ‘verdade’ que os problemas pedagógicos não são meramente técnicos e nem serão resolvidos através do desenvolvimento de novas e melhoradas técnicas (Allwright, 2003b, p.114), então o exercício de reflexão proposto pela Prática Exploratória lança o aprendizado num processo continuamente cíclico de pensamento e ação tanto globais quanto locais.

O caráter vigoroso da crítica empreendida por Wittgenstein, que se torna ainda mais evidente pela própria estrutura formal de sua obra, bem como pelos possíveis aspectos pedagógicos de seu texto, levaram-me a indagar acerca da possibilidade de cotejar a visão de linguagem abraçada por ele em sua filosofia tardia e o paradigma de ensino/aprendizagem – ou ainda a maneira de estar em sala de aula – defendido nos princípios da Prática Exploratória.

Um trabalho que, como este, pretenda explorar possíveis entrecruzamentos entre a perspectiva wittgensteiniana de linguagem e o enfoque da prática pedagógica oferecido pela Prática Exploratória pode lançar luz sobre questões de ensino, abrindo caminhos, talvez, para futuras investigações no campo da educação.

4. ESCOLHAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Esta pesquisa é de natureza teórica e pretende explorar os seguintes objetivos gerais: (1) Desenvolver uma reflexão conceitual acerca da noção de entendimento na Prática Exploratória; (2) Explorar as afinidades que se podem discernir entre o programa da Prática Exploratória e a perspectiva wittgensteiniana de linguagem, tendo como foco

⁶ “Fazer com que o trabalho para o entendimento e a integração sejam contínuos.” (In: Allwright e Miller, 2006)

o conceito de entendimento e outros temas wittgensteinianos articulados, notadamente *explicação, necessidade antropológica, conversão e ceticismo*.

A pesquisa do corpus teórico consistirá na leitura e análise crítica de fontes primárias e secundárias relativas ao pensamento do segundo Wittgenstein, bem como a leitura de textos teóricos que constituem a literatura ainda nascente sobre a Prática Exploratória.

Farei uso, portanto, como fonte primária de investigação, dos escritos do segundo Wittgenstein, tomando, em particular, a visão de linguagem que por ele nos é oferecida nas *Investigações Filosóficas*, além das obras *Da Certeza* e *O Livro Azul*. A bibliografia secundária na qual irei buscar apoio consiste, principalmente, nos escritos de Cavell (1979, 1996), Oliveira (1996), McGinn (1997), Harris & Talbot (1989), Glock (1998), Martins (2000), além da exegese de Baker e Hacker (1980b; 1985). No que diz respeito à Prática Exploratória, nossas referências primárias serão Allwright (2000, 2001, 2002, 2003, 2003b), Miller (2001), Moraes Bezerra (2007) e Sette (2006)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALLWRIGHT, D. (2003a) "Why social science research needs to be practioner research: arguments for 'Exploratory Practice'". Texto inédito (mimeo).
- _____. (2003b). "Exploratory Practice: re-thinking practioner research in language teaching", in: *Language Teaching Research*, 7, 2, pp. 113-141.
- _____. (2006). "Six Promising Directions in Applied Linguistics", in: S. GIEVE; I. MILLER (orgs.), *Understanding the Language Classroom*. Nova York: Palgrave/McMillan.
- ALLWRIGHT, D.; MILLER, I. K. (2006). "Documento do Simpósio Prática Exploratória: Questões e Desafios na Formação Profissional". Manuscrito inédito. Florianópolis, I CLAFPL, UFSC.
- BAKER, G.P.; HACKER, P.M.S. (1980). "Understanding and Ability", in: *An Analytical Commentary on the Philosophical Investigations*. Vol. I. Oxford: Basil Blackwell, pp. 321-346.
- _____. (1985). *Rules, Grammar and Necessity*. Oxford: Basil Blackwell.
- CAVELL, S. (1979). "Excursus on Wittgenstein's Vision of Language", in: *The Claim of Reason*. Oxford: OUP.
- _____. (1996). "The Normal and the Natural", in: *The Cavell Reader*. Massachusetts, Oxford: Blackwell Publishers.
- GLOCK, H. (1998). *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LUGG, A. (2000). *Wittgenstein's Investigations 1-133: A guide and interpretation*. Londres e Nova York: Routledge.
- MARTINS, H. (2000). "Sobre a estabilidade do significado em Wittgenstein", in: *Veredas*, nº. 7. Juiz de Fora: UFJF.
- McGINN, M. (1997). *Wittgenstein and the Philosophical Investigations*. Londres: Routledge.
- MILLER, I. K. (2001). *Researching teacher consultancy via Exploratory Practice: a reflexive and socio-interaccional approach*. Lancaster University. Tese de doutorado inédita.
- MORAES BEZERRA, I. (2007). "Com quantos fios se tece uma reflexão?" *Narrativas e argumentações no tear da interação*. Tese de doutorado inédita. Rio de Janeiro, PUC.
- OLIVEIRA, M.A. (1996). *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Loyola.
- REDDY, M. (1993). "The Conduit Metaphor: A Case of Frame Conflict in our Language about Language", in: ORTONY, A. (org.), *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SETTE, M. L. (2006). *A vida na sala de aula: ponto de encontro entre a Prática Exploratória e a Psicanálise*. Tese de doutorado inédita. Rio de Janeiro, PUC.
- WITTGENSTEIN, L. (1997[1970]). *Zettel*. Berkeley: University of Califórnia Press.
- _____. (1992[1958]). *O Livro Azul*. Lisboa: Edições 70.
- _____. (1996[1958]). *Investigações Filosóficas*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2000[1969]). *Da Certeza*. Lisboa: Edições 70.
- _____. (2005[1974]). *Philosophical Grammar*. Berkeley: University of California Press.